

Situação sociolinguística dos Gavião K̀yikatêjê Sociolinguistics situation of the Gavião K̀yikatêjê

Lucivaldo Silva da Costa^{*}
Tereza Maracaipe Barboza^{**}
Concita Guaxipiguara Sompré^{***}

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo principal descrever a situação sociolinguística dos Gavião K̀yikatêjê da Reserva Indígena Mãe Maria, localizados no Brasil, na região Sudeste do estado do Pará, falantes da língua k̀yikatêjê, da família Jê, do Tronco linguístico Macro-Jê. Por meio da aplicação de questionários, entrevistas e observações em *locus*, pudemos observar que a língua materna dos K̀yikatêjê tem perdido espaço para a língua portuguesa em todos os domínios sociais dentro da aldeia. Os resultados apontam os aspectos históricos de contato interétnico e intergrupar como um dos fatores predominantes no enfraquecimento linguístico e cultural desses povos face ao atual contato intenso da sociedade envolvente e as pressões da língua majoritária - o português entre os indígenas, os quais têm atuado na atual configuração sociolinguística dos Gavião K̀yikatêjê.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística. Gavião K̀yikatêjê. Contato interétnico. Contato intergrupar.

ABSTRACT: This paper aims to describe the sociolinguistic situation of the Gavião K̀yikatêjê Indians who live in the Mãe Maria Reservation, located in Brazil, in the southeast region of the state of Pará. They are speakers of the K̀yikatêjê language that belongs to the Jê-family and to the Macro-Jê Stock. Using questionnaires, interviews and observations in locus, it was observed that the mother tongue of K̀yikatêjê speakers has lost ground to the Portuguese language, in all social areas within the village. The results show the historical aspects of interethnic contact and intergroup as one of the predominant factors in the linguistic and cultural weakening of these people in relation to the current intense contact of the surrounding society and the pressures of the majority language – the Portuguese language among the Indians, which have been active in the current sociolinguistic configuration of Gavião K̀yikatêjê.

KEYWORDS: Sociolinguistics. Gavião K̀yikatêjê. Interethnic Contact. Intergroup contact.

1. Introdução

As investigações feitas neste artigo acerca da situação sociolinguística dos Gavião K̀yikatêjê nascem do interesse em descrever e analisar a atual configuração da língua k̀yikatêjê

^{*} Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília-UNB. Docente da Faculdade de Educação do Campo na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará-UNIFESSPA. E-mail: lucivaldosc@unifesspa.edu.br

^{**} Mestra em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT. Docente da Faculdade de Educação do Campo na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará-UNIFESSPA. E-mail: terezamaracaipe@unifesspa.edu.br

^{***} Graduada em Licenciatura Intercultural Indígena, área de concentração Linguagem e Arte, pela Universidade do Estado do Pará-UEPA. E-mail: concitasompre@yahoo.com.br

face ao contato que os falantes indígenas têm com a língua portuguesa nos espaços da comunidade. Nessa perspectiva, procuramos mapear alguns pontos, para nós, relevantes em busca de saber qual língua tem ocupado maior domínio na interação verbal entre os indígenas. Para tanto, o questionário aplicado contemplou questões referentes à: a) facilidade linguística em *kỳikatêjê* e português, b) usos das línguas de acordo com os domínios sociais e c) usos linguísticos no âmbito familiar. Além dessas questões, acrescentamos outras relacionadas às atitudes dos indígenas a respeito de qual língua é a mais bonita e o que pensam sobre o futuro de sua língua. Os questionários aplicados dialogam com nossas observações etnográficas sobre o uso da(s) língua(s) nos diferentes contextos de comunicação na aldeia, buscando ora complementar, ora contrastar os dados obtidos através daqueles instrumentos de pesquisa.

Apresentamos, também, um breve contexto histórico do contato dos *Kỳikatêjê* com os demais grupos Gavião e com os não indígenas, mostrando que o início do processo de perda da língua materna dos *Kỳikatêjê* iniciou a partir desse contato intergrupar com os outros Gavião do Estado do Pará, fato que resultou no avanço da língua portuguesa entre esses indígenas, até então, considerados monolíngues em *Kỳikatêjê*. O quadro atual do contato mostra os empreendimentos de projetos urbanos como a construção da Estrada de Ferro Carajás, da BR 222 e linha de energia da Eletronorte como um dos fatores cruciais do contato interétnico, interferindo diretamente na vida dos indígenas e no uso praticamente exclusivo da língua portuguesa pelas novas gerações.

A segunda parte do artigo traz os resultados e a análise dos dados fundamentados teoricamente pela Sociolinguística do Contato de Línguas, especificamente, abordando os conceitos de diglossia e conflito linguístico, respectivamente, em Fergusson (1959), Franceschini (2011) e D'Angelis e Vasconcelos (2011), bem como reportando aspectos históricos do contato intergrupar e interétnico em outros estudiosos da área da Antropologia – Ricardo (1985), Ferraz (1984) e da Educação - Fernandes (2010), que pesquisaram o povo em estudo nessa pesquisa e contribuíram para analisarmos a situação sociolinguística dos *Kỳikatêjê*, não somente em anos remotos, mas nos levando a perceber como os fatos históricos atua(ra)m nos aspectos linguísticos e culturais desse povo, ainda deixando resquícios de um passado que se faz presente, principalmente, no âmbito escolar da aldeia, onde ainda se nota a reprodução do ideal hegemônico linguístico e cultural ocidental.

Finalizamos este estudo delineando um quadro da situação sociolinguística dos *Kỳikatêjê* permeada por conflitos linguísticos entre a língua majoritária - português, que avança

entre todas as gerações nos diversos domínios sociais e domésticos na aldeia e a língua minoritária - k̀yikatêjê, que sofre o deslocamento diante da difusão crescente da língua da sociedade hegemônica.

2. Breve histórico de contato com outras etnias e não indígenas

O percurso histórico dos Gavião K̀yikatêjê foi marcado por fugas e intensas invasões ao seu território pelos sem terra¹, além de conflitos internos com outros povos indígenas pertencentes ao mesmo grupo - Parkatêjê e Akrãtikatêjê, que compõem os chamados Gavião do Pará. A denominação K̀yikatêjê, explica linguisticamente a localização “inicial” desse povo. De acordo com Fernandes (2010, p. 19) significa: “povo do rio acima, da montante, onde, K̀yi é cabeça, katê é dono, e jê refere-se ao povo”. A trajetória dos K̀yikatêjê deu-se, primeiramente, no estado do Maranhão, acima do Rio Tocantins, local estratégico escolhido para refugiarem-se da perseguição dos invasores de suas terras e ficarem longe das lentes do órgão tutelar, o então SPI (Serviço de Proteção aos Índios), a atual FUNAI (Fundação Nacional do Índio), por temerem ser capturados e exterminados.

A história dos três povos Gavião é marcada por encontros e cisões ao longo do tempo, principalmente entre os K̀yikatêjê e os Parkatêjê, cuja relação parece ter sido desde sempre conflituosa. No decurso da migração dos K̀yikatêjê, esses indígenas construíram suas habitações em diversas aldeias no Maranhão quando, então, alguns Akrãtikatêjê e um Xikrín, conhecido como Itacaiúnas, em expedição com membros do SPI, foram encontrá-los com a missão de “amansá-los”² e trazê-los para o estado do Pará, onde já se encontravam os demais Gavião – Parkatêjê e Akrãtikatêjê. Em meados de 1970, foram contatados pelo SPI e por eles removidos para o estado do Pará, sob alegação de que estavam sendo ameaçados de serem exterminados pelos brancos. Quando vieram para o Estado do Pará, foram colocados na Reserva Indígena Mãe Maria (RIMM), a aproximadamente 40 Km da cidade de Marabá, na mesma aldeia onde os Parkatêjê foram colocados após a Construção da Estrada de Ferro Carajás e, posteriormente, aglomerados também nessa mesma Reserva indígena, os Akrãtikatêjê, realocados pela FUNAI por conta da construção da Hidrelétrica de Tucuruí³.

1 Relato do indígena Ajanã Katykti.

2 Os Gavião K̀yikatêjê eram considerados índios brabos, isto é, os que ainda falavam a língua materna.

3 Para um estudo mais detalhado do contato/cisão e o processo de junção dos três povos Gavião na Reserva Indígena Mãe Maria, consultar Fernandes (2010) e Ferraz (1984).

Com a junção dos três povos Gavião na mesma reserva indígena, passaram a ser comandados, exclusivamente, pelas lideranças Parkatêjê e o convívio entre estes e os Kÿikatêjê desencadeou em conflitos, pois segundo relatos de Pëpkràkti Jakukrêikapêiti Ronore Kõnxarti (Zeca Gavião), atual Cacique da aldeia Kÿikatêjê, para a liderança Parkatêjê, chamado de “Capitão”, todos que naquela época estavam na mesma aldeia construída para aglomerar os três povos, deveriam ser denominados “Parkatêjê”. Essa aldeia, chamada “Trinta”, foi dividida em dois lados, de um ficavam os Kÿikatêjê misturados com os Akrätikatêjê e do outro só os Parkatêjê. A mistura desses indígenas desencadeou também numa junção de ideias, pois de acordo com a fala de Zeca gavião, “as festas tradicionais sofreram uma mistura cultural nos ritos indígenas⁴, nos diferentes modos tradicionais dos três povos” e, conseqüentemente, num conflito linguístico.

Parte desses desentendimentos eram provocados pela forma como eram tratados pelos Parkatêjê no que se refere ao emprego da língua materna. A relação dos Parkatêjê com os kupê⁵ favoreceu maior apropriação da língua portuguesa pelos mesmos, por isso chamados pelos regionais de “civilizados” em oposição aos Kÿikatêjê que se comunicavam em língua materna, por isso chamados de “selvagens” [...] as conseqüências dessas relações incidiam diretamente na vida escolar das crianças Kÿikatêjê, sendo falantes monolíngues da língua timbira, não logravam êxito nas aulas de língua portuguesa, entendida como língua de prestígio e potencialmente superior. Grifos da autora. (FERNANDES, 2010, p. 26).

Nesse contexto, vemos a “imposição” da língua majoritária não por um civilizado, mas pelo próprio indígena, que tomado pelo poder representativo da língua portuguesa junto aos não indígenas, percebe nessa língua meio de acesso à cultura letrada e prevalência da hegemonia cultural ocidental no espaço naturalmente indígena, em detrimento da língua e cultura dos nativos, pois é o português que passa a ser ensinado na escola, silenciando a língua indígena, até então, falada pelos Kÿikatêjê. O contexto histórico nos mostra o momento do processo de perda da língua materna pelos Kÿikatêjê, o qual se configura numa relação de conflito linguístico.

Os interesses do mundo “civilizado”, tais como os projetos de expansão capitalista: construção da Estrada de Ferro Carajás, da BR 222, linha de energia da Eletronorte e a

4 Zeca Gavião exemplifica a festa tradicional do pëp-festa de transição dos rapazes para a vida adulta, que atualmente segue a organização envolvendo os ritos dos três grupos, pois participam dela os Kÿikatêjê, os Akrätikatêjê e os Parkatêjê e outras etnias como os Guarani, os Xerente e até mesmo os kupê .

5 Não-indígenas.

construção da Hidrelétrica de Tucuruí afetaram de forma intensa a vida dos Gavião, na sua cultura, nas relações internas e principalmente na língua, pois diante do contato interétnico as pressões linguísticas para uso da língua portuguesa aumentaram visando à comunicação dos indígenas com brancos e domínio para integração nas relações sociais junto aos não indígenas. Além disso, percebe-se a perda de poder dos K̀yikátêjê com a junção dos três povos, pois os Parkatêjê comandavam os demais Gavião, impondo uma forma de organização social que enfraqueceu a autonomia dos K̀yikátêjê. Diante disso, os K̀yikátêjê, numa tentativa de recuperar a liderança própria, formam uma nova aldeia em 2001, atualmente chamada de aldeia K̀yikátêjê. Tal iniciativa tem contribuído na articulação de retomadas das festas tradicionais desse grupo e no ensino da língua materna.

As relações entre os três povos não foram apenas de conflito. O contato intergrupar propiciou casamentos mistos entre si, perdurando, até os dias atuais, a relação entre o grupo Gavião. Outras etnias também estão presentes entre os Gavião por meio de casamentos mistos, tais como K̀yikátêjê com Xerente, Karajá, Xikrín, Guarani, Canela, bem como casamentos entre K̀yikátêjê e não indígenas. As novas gerações têm dado continuidade a essa relação articulando esse contato também por meio de matrimônio e no espaço escolar, onde estão matriculados alunos de diferentes aldeias dos Gavião.

3. Alguns aspectos fonológicos e morfossintáticos da língua K̀yikátêjê

A língua K̀yikátêjê possui vinte e sete fonemas, distribuídos em dezesseis vogais e onze consoantes. Com base no movimento horizontal e vertical da língua e no arredondamento dos lábios, as vogais do K̀yikátêjê classificam-se em anteriores, centrais e posteriores e ocupam o núcleo de sílaba inicial, medial e final. As vogais anteriores e centrais são todas não-arredondadas, enquanto as posteriores são arredondadas, exceto a vogal posterior, média baixa /ʌ/, que é não-arredondada. A diferença entre vogais orais e nasais é que, na produção das últimas, o ar escapa pela cavidade nasal. Assim, das dezesseis vogais do K̀yikátêjê dez são orais e seis são nasais. O quadro 1 ilustra os fonemas vocálicos do K̀yikátêjê.

Quadro 1 – Fonemas vocálicos do K̀yikatêjê.

	Anteriores		Centrais		Posteriores	
	Orais	Nasais	Orais	Nasais	Orais	Nasais
Altas Fechadas	/i/	/ĩ/	/i/	/ĩ/	/u/	/ũ/
Médias Fechadas	/e/	/ẽ/	/ə/	/ẽ/	/o/	/õ/
Médias Abertas	/ɛ/				/ʌ/ /ɔ/	
Baixas Abertas			a			

O K̀yikatêjê possui onze consoantes: três oclusivas surdas, com pontos de articulação bilabial /p/, alveolar /t/ e velar /k/; duas nasais, com ponto de articulação bilabial /m/ e alveolar /n/; uma africada com ponto de articulação palatal /tʃ/; um tepe /ɾ/; uma fricativa, com ponto de articulação glotal /h/; duas são aproximantes com pontos de articulação labiovelar /w/ e palatal /j/, como mostra o quadro 02 a seguir:

Quadro 2 – Fonemas consonantais do K̀yikatêjê.

	Bilabial	labiovelar	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	/p/		/t/		/k/	/ʔ/
Africada				/tʃ/		
Fricativa						/h/
Nasal	/m/		/n/			
Tepe			/ɾ/			
Semiconsoante		/j/		/w/		

A ordem básica dos constituintes nas orações declarativas simples em K̀yikatêjê é SOV. Em orações enfáticas ou focalizadas, a ordem dos constituintes é OSV.

Ordem SOV:

1. wa apu kuati kre kuhõ
 eu prog pote lavar
 ‘eu estou lavando o pote’

Ordem OSV:

2. kuati kre wa apu kuhõ
 pote eu prog lavar
 ‘o pote, eu estou lavando’

O K̀ỳikatêjê distingue três classes de palavras que recebem morfologia flexional, a dos nomes e a dos verbos - ambas classes abertas - e a das posposições, classe fechada.

Os marcadores pessoais do K̀ỳikatêjê são constituídos de duas séries pronominais: uma livre, que funciona como argumento sujeito do núcleo de predicado intransitivo e transitivo e outra dependente, que codifica as funções de objeto direto, complemento de posposição, possuidor, sujeito de intransitivo e transitivo, quando estes expressam processos acabados.

Há, em K̀ỳikatêjê, assim como em outras línguas da família-Jê, a distinção entre formas verbais curtas e longas. “As formas verbais curtas e longas referem-se, respectivamente, a não-conclusão vs. conclusão recente de um processo verbal” (cf. MIRANDA, 2010, p. 70). Ocorrem sempre na última posição da oração e funcionam como núcleo de predicado verbal, como mostram os exemplos abaixo:

3. wa apu kre
 Eu progr cantar
 ‘eu estou cantando’

4. rə i krekre
 Já eu cantar
 ‘eu já cantei’

4. Resultados e análises

A pesquisa foi realizada entre os Gavião K̀ỳikatêjê, localizados na região norte do Brasil, sudeste do Estado do Pará - município de Bom Jesus do Tocantins, na Reserva Indígena Mãe Maria, onde vivem 39 famílias, num total de 174 pessoas, incluindo tanto os K̀ỳikatêjê, quanto indígenas oriundos de outras etnias e também não indígenas. O mapa abaixo ilustra a localização da aldeia (cf. Mapa 1).

colaboradores, através da qual podemos verificar se a profissão/ocupação exercida pelos indivíduos tem interferido no uso de uma ou outra língua, em especial, a língua da sociedade majoritária - o português. Os dados analisados a seguir, constituem tanto informações obtidas via questionários, quanto observações participantes, em cenários de vida real na aldeia.

Quadro 3 – Estratificação dos colaboradores da pesquisa.

Gerações	Faixa-etária	Sexo	Quantidade	Ocupação
1 ^a	40 anos ou mais	M	8	Professor bilíngue, Dona de casa, Artesão, Artesã, Serviços gerais
		F	9	
2 ^a	19-39	M	10	Professor, Dona de casa, Agente de saúde
		F	10	
3 ^a	13-18	M	10	Estudante
		F	10	
4 ^a	8-12	M	10	Estudante
		F	10	

Fonte: pesquisa de campo: 2015-2016.

4.1 Facilidade linguística na língua indígena e português

Em relação aos indivíduos da 1^a e 2^a geração, percebemos que as mulheres apresentam menos facilidade linguística em k̄yikatêjê, restringindo-se mais ao nível da interlocução em conversas. Porém, no nível da leitura e escrita, nessa mesma língua, não apresentam domínio nenhum. Em contrapartida, os homens, em sua maioria, apresentam maior proficiência em todos os aspectos: compreensão, fala, leitura e escrita. Quando se trata da facilidade linguística em português, os dados mostram que os homens têm menos facilidade de comunicação nessa língua, por apresentarem grau de proficiência restrito nos diferentes domínios linguísticos em português. Já as mulheres mostram compreensão tanto em conversações, quanto na leitura e escrita.

Dados históricos datados da década de 70 revelam que:

[...] o grupo do “Maranhão”⁹ eram, até muito recentemente, monolíngues, à exceção de alguns poucos jovens e crianças. [...] a partir de sua transferência

⁹ Em referência aos K̄yikatêjê.

voluntária para um local em frente a aldeia do “Trinta”¹⁰, em dezembro de 1979, [...] cerca de 75% da população adulta de ambos os sexos fala de modo pouco fluente o português regional, enquanto que os 25% restantes só falam a sua língua original¹¹. Entre os adolescentes e crianças, a difusão da língua portuguesa deu-se recentemente, em virtude da maior interação havida entre indivíduos das mesmas faixas- etárias pertencentes a ambos os grupos. (RICARDO, 1985, p. 54).

Os aspectos históricos de contato intergrupar - Parkatêjê e K̀yikatêjê - corroboram com os dados atualmente coletados por nós referente às duas últimas gerações, apontando que, da década de 70 para os dias atuais, a difusão da língua portuguesa atingiu maiores níveis de proficiência entre os mais jovens, de modo a consolidar, praticamente, somente o uso dessa língua em todos os domínios sociais na aldeia. Àqueles que ainda demonstram ter domínio mínimo da língua indígena é porque estão ligados a núcleos familiares cujos mais velhos (1ª geração) são falantes da língua e conversam com os seus na língua materna. Vale ressaltar que as gerações mais novas têm aprendido, desde criança, a língua portuguesa, ou seja, a língua da sociedade envolvente tem sido a língua materna dessas gerações, por meio da qual as crianças interagem entre si e com os outros membros de sua comunidade. Dessa forma, a maioria dos indígenas das gerações mais novas, não fala, nem tampouco, compreende uma conversa na língua indígena.

Quanto ao questionar sobre os usos linguísticos no âmbito familiar, os resultados apontam a língua portuguesa como mais atuante na interação entre pais e filhos, mãe e filhos, marido e mulher e durante as refeições. Mas alguns resultados revelam que entre avôs e netos a língua mais usada é a indígena ou as duas, português e k̀yikatêjê, simultaneamente. Esse dado ratifica que a língua indígena, entre os mais velhos, é mais falada pelos homens do que pelas mulheres dessa mesma geração, demonstrando que a transmissão da língua está mais a cargo dos mais velhos do sexo masculino do que da mãe e do pai dos indígenas das novas gerações. Tal fato, sinaliza que as mães usam em casa, em grande percentual, só a língua portuguesa na interação com os filhos. Estes resultados vão na contramão de índices mais recorrentes em demais comunidades indígenas, onde o papel de difusão da língua materna está mais direcionado à mulher, pois, geralmente, em relação ao homem, permanece mais em casa e, portanto, em contato mais frequente com os filhos. Entre os K̀yikatêjê, essa realidade corrobora dados anteriores que mostraram que, em relação aos homens da 1ª geração, as mulheres

¹⁰ Aldeia dos Parkatêjê.

¹¹ Língua original, diz respeito à língua indígena.

apresentam menos uso e proficiência na língua indígena e, por isso, não estão transmitindo aos seus filhos.

4.2 Domínios sociais das línguas K̀yikátêjê e português na aldeia

A língua portuguesa tem ocupado todos os domínios sociais dentro da aldeia pela maioria dos indígenas de ambos os sexos. Apenas os mais velhos têm preservado o uso da língua indígena nas relações sociais na comunidade. Os números ainda nos mostram as mulheres mais velhas com maior preferência para uso da língua portuguesa nos domínios da casa, do trabalho e da aldeia, embora usem, em menor escala, a língua indígena em tais domínios comunicativos. Ao observar o uso da língua indígena nesses mesmos domínios pelas gerações mais novas, constata-se um percentual mínimo de 10% de uso da língua k̀yikátêjê pelos homens da 2ª geração. Já as mulheres dessa mesma geração elegem apenas o português nesses espaços. A terceira e quarta gerações de ambos os sexos utilizam, exclusivamente, a língua portuguesa.

Nas festas tradicionais da aldeia, os resultados também apontam uma forte presença da língua portuguesa nos rituais, sinalizando que a língua da sociedade majoritária está ocupando os domínios sociais que seriam peculiares da língua nativa desses indígenas, tendo em vista se tratar de acontecimentos interacionais próprios da cultura K̀yikátêjê.

O avanço do domínio da língua portuguesa é notório entre os indígenas em todos os espaços de interação sociolinguística: igreja, escola, ritos tradicionais, conversas entre pais e filhos, entre marido e mulher, conversas informais, reuniões na aldeia, brincadeiras entre crianças e outros. Como estratégia de luta contra esse avanço, as gerações mais velhas, tanto homens quanto mulheres, mostram-se a favor do ensino da língua indígena na escola da aldeia e uma minoria é a favor do ensino de ambas as línguas. Porém, os dados também assinalam que a maioria dos indígenas das gerações mais novas, principalmente, a 4ª geração, afirma ser a língua portuguesa a que deve ser ensinada na escola. Quando se trata da preferência para ler e escrever, os resultados sinalizam certa disparidade, pois ao mesmo tempo que a maioria dos indígenas afirma que deve ser a língua indígena ensinada na escola, eles têm preferência pela modalidade oral e escrita do português. Essa situação reflete conflito linguístico entre os dois códigos. Para D'Angelis e Vasconcelos (2011, p. 9), "se há conflito linguístico é porque há línguas que representam interesses diferentes ou são mobilizadas para favorecer diferentes projetos de sociedade".

Partindo das representações sobre o uso da(s) língua(s) nos domínios sociais e domésticos, a partir dos questionários aplicados e observações em lócus, as relações diglósicas têm atingido graus de conflito entre a língua majoritária, o português e a língua minoritária, o *kỳikatêjê*. O que se nota é um cenário linguístico praticamente monolíngue em português, língua dominante que já ocupa diferentes contextos sociocomunicativos na comunidade indígena, até mesmo, em interações verbais próprias da cultura *kỳikatêjê*, tais como festas tradicionais, cerimônias religiosas, na escola - tanto na modalidade oral, quanto escrita, reuniões internas, brincadeiras infantis e brincadeiras tradicionais. À medida que o português avança em todos os eventos comunicativos por todas as gerações, o uso efetivo da língua indígena ocorre somente entre os mais velhos. Quando, porém, estes falantes interagem com falantes de outras gerações, privilegia-se, o uso do português na comunicação.

O inter-relacionamento linguístico se estabelece entre diferentes culturas que ocupam status econômico, social e político diferentes. Normalmente, o que se vê é a língua detentora de prestígio sendo a mais forte economicamente e a de prestígio inferior, com baixo poder financeiro. Nesse sentido, a linguagem passa a ser uma atividade de dominação. A língua de prestígio, a dominante, exerce maior poder sobre a menos forte economicamente. A existência de duas ou mais línguas numa mesma comunidade de fala pode resultar na relação de poder entre as línguas – língua dominante versus língua dominada e conseqüentemente, incorpora a essas línguas uma carga de valor com diferentes prestígios sociais, resultando em situações de diglossia.

Para Ferguson (1959, p. 234), diglossia “é a coexistência, em uma mesma comunidade, de duas formas linguísticas, rotuladas por ele de “variedade alta” (*high*) ou simplesmente H e as variedades dialetais batizadas por ele de “variedade baixa” (*low*) ou coletivamente L”. A variedade alta é detentora de um poder político que a coloca num alto patamar de prestígio em diversos setores da sociedade: igreja, no ensino formal, nos discursos cerimoniais, além de ter dois instrumentos linguísticos oficiais: gramática e dicionários. Em contrapartida, a variedade baixa não goza dos mesmos espaços para sua difusão; seu uso fica restrito a contextos de fala informal e é taxada como uma variedade que se distancia muito do padrão de língua. No que tange especificamente ao contato entre as línguas indígena e portuguesa, fica claro, por todo o contexto histórico conhecido, que esse contato se deu sob conflito entre povos distintos e, por conseguinte, línguas e culturas também distintas. Portanto, a situação de diglossia entre as

línguas indígenas e a portuguesa, configura-se numa diglossia conflituosa entre os dois códigos (cf. FRANCESCHINI, 2011, p. 42).

Apesar do maior uso do português entre os K̀yikatêjê, as atitudes linguísticas das quatro gerações de ambos os sexos pesquisadas, demonstram ser positivas em relação à língua indígena, pois a consideram mais bonita por ser um fator identitário, que marca a cultura e tradição de seu povo. Obtivemos, também resultados mostrando um percentual mínimo de mulheres, principalmente da 1ª e 2ª gerações, que acham as duas línguas - k̀yikatêjê e português mais bonitas, aquela, por ser “diferente” e fazer parte da cultura ancestral e esta, porque é a língua que mais usam e compreendem. Um outro resultado nessa mesma direção foi de um homem da 1ª geração que acha bonita apenas a língua portuguesa.

Ao questioná-los se a língua indígena pode desaparecer, a maioria afirma que não, justificando ser esta língua importante e principal veículo transmissor e propagador da cultura indígena e ser falada pelos mais velhos, não correndo, portanto, o risco de desaparecer. Outros são categóricos e afirmam a possibilidade de a língua acabar, caso não volte a ser transmitida de pai para filho e os mais velhos morram sem passar para as novas gerações a língua indígena.

4.3 Ensino da língua indígena na aldeia K̀yikatêjê

A escola da aldeia é oficialmente bilíngue, intercultural e nela diz-se haver um ensino diferenciado. Teoricamente, trata-se de uma escola bilíngue na qual as línguas k̀yikatêjê e portuguesa são ensinadas e aprendidas em todas as séries desde que a grade curricular foi montada junto com a escola e a comunidade, visando ao ensino da língua materna não apenas a partir da 5ª à 8ª séries, como era no currículo anterior. A escola conta com um quadro de 09 professores indígenas, sendo 08 K̀yikatêjê e 01 Karajá e mais 18 professores não indígenas. Atende a um total de 325 alunos, somando os da própria aldeia com os de outras 05 aldeias dos outros dois povos Gavião, Akrãtikatêjê e Parkatêjê. Os níveis de ensino oferecidos vão desde o Ensino Infantil ao Ensino Médio.

O ensino da língua materna fica a cargo dos professores indígenas da aldeia e eles ministram esse ensino para todas as séries e em todos os níveis. Os materiais didáticos produzidos na língua indígena são escassos. O pouco que há foi elaborado quando havia a presença de uma indígena Kaingang na aldeia, Rosani Fernandes (2010, p. 1) “que exerceu assessoria etnopedagógica à Associação K̀yikatêjê, na escola daquela aldeia. Nesse período, empreendeu alguns projetos para a educação escolar bilíngue entre os K̀yikatêjê.

Atualmente, professores pesquisadores da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará-UNIFESSPA, juntamente com a colaboração de alguns indígenas da aldeia, estão desenvolvendo projetos de extensão¹² visando à elaboração de material na língua materna para subsidiar seu ensino e sua aprendizagem na escola, na tentativa de revitalizá-la a partir do espaço escolar e, paulatinamente, ampliar sua abrangência a outros espaços de uso sociointeracional que hoje são exclusivos da língua nacional.

Nossa observação de algumas aulas, desde o ensino infantil até o ensino médio revelam a hegemonia da língua portuguesa na sala de aula indiferentemente do tema e da função comunicativa instaurada pelo professor ou aluno. A língua portuguesa é a única língua usada para veicular os conteúdos programáticos; todos os materiais didáticos estão escritos em língua portuguesa. As aulas de língua indígena ocupam um espaço mínimo na escola: limitam-se às sextas-feiras. O professor reúne os alunos das diversas séries e em uma única sala, coloca o nome de um animal no quadro, pronuncia o nome do referido animal e pede aos alunos que repitam com ele.

Embora os professores indígenas tenham muito boa vontade e interesse de ensinar a língua k̄yikatêjê na escola, eles carecem de formação pedagógica, de método de ensino e de material didático na língua k̄yikatêjê para que suas aulas sejam estimulantes e interessantes aos alunos. É necessário também se pensar na elaboração de materiais específicos a cada série e ampliar a carga horária de aulas de língua indígena na escola. Essas iniciativas, podem deslocar a principal função da escola atualmente, que é o ensino da língua portuguesa e a transmissão de conteúdos do currículo universal, e ressignificá-la como uma instituição que exerça um papel contra hegemônico, na medida em que também ensine a língua indígena e transmita os conteúdos da cultura tradicional, visando à diminuição das assimetrias linguísticas e socioculturais advindas da relação conflituosa entre a cultura local minoritária e a cultura nacional majoritária.

¹² Programa de Extensão PIBEX intitulado “Mito-poéticas k̄yikatêjê: repertórios culturais “tectônicos” em “devir” com práticas de educação bilíngue”. Este Programa, coordenado pelo professor Hiran Possas, do Curso de Educação do Campo da Unifesspa, iniciou em 2014, foi renovado em 2015 e encerrou em julho de 2016. Como produto deste Programa extensionista foi elaborado o livreto intitulado Mẽ krã Peiti: memórias k̄yikatêjê, que reúne algumas histórias que retratam cosmovisões K̄yikatêjê.

5. Considerações finais

A situação sociolinguística dos Gavião K̀yikatêjê da Reserva Indígena Mãe Maria, configura-se num contexto de conflito linguístico entre a língua indígena e a língua da sociedade majoritária - o português. Com base nos dados coletados, evidenciamos, no que tange à facilidade linguística na língua k̀yikatêjê, que os homens da 1ª e 2ª geração apresentam maior proficiência em todos os aspectos: compreensão, fala, leitura e escrita. Em contrapartida, as mulheres dessa mesma geração mostram compreensão maior em língua portuguesa tanto em conversações como também na leitura e escrita. As gerações mais novas de ambos os sexos têm aprendido, desde criança, a língua portuguesa. Essa realidade mostra o progresso da língua dominante não somente como uma segunda língua a ser aprendida pelos indígenas - que serviria como instrumento de interação com a sociedade circundante e de resistência contra as ideologias universais que desrespeitam as práticas socioculturais local, mas sim como língua de aquisição, isto é, o português tem sido, atualmente, a língua materna desses indígenas. Com isso, a língua k̀yikatêjê tem ocupado espaços cada vez mais restritos e, conseqüentemente, tem sua propagação comprometida às futuras gerações, tendo em vista que os mais novos já nascem aprendendo falar o português e não a língua étnica - o k̀yikatêjê.

A língua portuguesa tem ocupado todos os domínios sociais dentro da aldeia pela maioria dos indígenas de ambos os sexos. Apenas os mais velhos têm preservado o uso da língua indígena nas relações sociais na comunidade. E é apenas esse grupo pequeno que tem empreendido estratégias de resistência para que a língua materna não perca cada vez mais domínios próprios de uso, principalmente nas festas tradicionais da aldeia, onde os mais velhos cantam e falam na língua k̀yikatêjê. Entretanto, nesses mesmos eventos peculiares da cultura indígena, os mais jovens usam somente a língua portuguesa. E quando estes usam a língua indígena, é porque estão assessorados por um falante mais velho que os conduz em cantos e brincadeiras tradicionais.

A escola, como espaço que seria privilegiado para o ensino/aprendizagem da língua indígena, tem dado lugar de destaque à língua portuguesa, ao ensinar a língua indígena somente uma vez na semana e tal ensino ser restrito ao estudo de vocabulários fora de um contexto de interação sociolinguístico. Sendo assim, a língua majoritária difunde tanto o ensino sistemático, quanto os ideais da cultura hegemônica no ambiente indígena ao deslocar cada vez mais a língua e cultura K̀yikatêjê, que permanece enquadrada num ensino monocultural, em que se reproduzem os conhecimentos do colonizador, sua língua, cultura e apagam-se os saberes

indígenas, quando o ideal seria, de fato, um ensino bilíngue diferenciado e intercultural, baseado no reconhecimento das diferentes culturas e na promoção das relações dialógicas.

A escola da aldeia, por ser teoricamente intercultural, diferenciada, específica e bilíngue, é o espaço formal e privilegiado para a promoção do ensino e aprendizagem da língua indígena, mas não é o único espaço. Atividades não formais em espaços não formais da aldeia podem ser usados para proporcionar o ensino e a aprendizagem da língua K̄yikatêjê, por meio de atividades de imersão entre falantes mais velhos, que dominam a língua e aprendizes, que não falam mais a língua indígena. Essas atividades deveriam ocorrer nos núcleos familiares. Os mais velhos deveriam falar com os jovens apenas na língua indígena. Os jovens poderiam inicialmente responder em português até se sentir seguros e então começar a falar na língua indígena com os mais velhos. Essa prática poderia ocorrer através da abordagem denominada por Stephen Krashen (1985), de “input”, segundo a qual é possível aos mais jovens aprenderem a língua indígena no dia a dia da aldeia com os mais velhos, contanto que aqueles sejam inseridos em atividades de imersão na língua indígena nos mais variados contextos comunicativos. Ou seja, os mais velhos deveriam se esforçar em falar com os jovens apenas na língua indígena, fazendo uso de gestos para auxiliar na compreensão dos jovens; estes, por sua vez, deveriam se esforçar para aprender a relacionar o que foi dito com o contexto das ações já que o aprendizado de uma língua se dá simplesmente ao entender o que é dito naquela língua (cf. KRASHEN, 1985). Se, ao lado da escola, a comunidade se empenhar a desenvolver atividades de imersão linguística na comunidade K̄yikatêjê, acreditamos que de médio a longo prazo seja possível reverter o quadro temerário em que esta língua se encontra: em perigo de extinção.

Referências bibliográficas

D'ANGELIS, W. R.; VASCONCELOS, E. A (Orgs). **Conflito linguístico e direitos das minorias indígenas**. Campinas, SP: Curt Nimuendajú, 2011, 128 p.

FERGUSON, C A. Diglossia. **Word**, vol. 15, 1959, p. 232-251. Disponível em: <http://www.mapageweb.umontreal.ca/tuitekj/cours/2611pdf/Ferguson-Diglossia.pdf>. Acesso em 7 de março de 2015.

FERNANDES, R. F. de. **Educação Escolar K̄yikatêjê: novos caminhos para aprender e ensinar**. Programa de Pós-Graduação em Direito. 2010. 212 f. Dissertação (Mestrado em Direito). Instituto de Ciências Jurídicas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.

FERRAZ, I. **Os Parkatêjê das matas do Tocantins: a epopéia de um líder Timbira**. Programa de Pós-Graduação em Antropologia. 1984. 155 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia).

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Departamento de Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.

FRANCESCHINI, D. C. Línguas indígenas e português: contato ou conflito de línguas? Reflexões acerca da situação dos Mawé. In: SILVA, S. de S. (Org.). **Línguas em contato: cenários de bilinguismo no Brasil**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011, p.41-72.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA (IBGE). **O Brasil Indígena: mapas**. Disponível em: <http://indigenas.ibge.gov.br/mapas-indigenas-2>. Acesso em 16 de setembro de 2016.

KRASHEN, S. D. **The Input Hypothesis: Issues and Implications**, New York: Longman, 1985, 120 p.

MIRANDA, M. G. **Morfologia e morfossintaxe da língua Krahô (Família Jê, Tronco Macro-Jê)**. Programa de Pós-Graduação em Linguística. 2014. 323f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

POSSAS, H. M. [et al.]. (Orgs.). **Mẽ krã Peiti: memórias kyikatêjê**. Marabá: Editora DNA, 2016, 24 p.

RICARDO, C. A. (Org.). **Povos indígenas no Brasil: Sudeste do Pará (Tocantins)**. São Paulo: CEDI, 1985, 227 p.

Anexos



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO CAMPO

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA – LEVANTAMENTO SOCIOLINGUÍSTICO

Questionário de proficiência e uso da(s) língua(s)

I. INFORMAÇÃO PESSOAL

1. Nome:
2. Sexo: M () F ()
3. Idade: 8-12 () 13-18 () 19-39 () 40 e mais ()
5. Etnia: Kyikatêjê () Outra () _____
6. Município:
7. Aldeia:

8. Ocupação:

II. FACILIDADE LINGUÍSTICA

Facilidade Linguística em K̀yikatêjê

9. Você pode entender uma conversa em K̀yikatêjê?
Sim () Não () Um pouco ()
10. Você fala K̀yikatêjê?
Sim () Não () Um pouco ()
11. Você pode ler em K̀yikatêjê?
Sim () Não () Um pouco ()
12. Você pode escrever em K̀yikatêjê?
Sim () Não () Um pouco ()

Facilidade Linguística em Português

21. Você pode entender uma conversa em Português?
Sim () Não () Um pouco ()
22. Você fala Português?
Sim () Não () Um pouco ()
23. Você pode ler em Português?
Sim () Não () Um pouco ()
24. Você pode escrever em Português?
Sim () Não () Um pouco ()

III. USO DA LÍNGUA DE ACORDO COM OS DOMÍNIOS SOCIAIS

25. Qual a primeira língua que você aprendeu quando criança?
K̀yikatêjê () Português ()
26. Que língua você usa mais frequentemente em casa para falar com adultos?
K̀yikatêjê () Português ()
27. Que língua você fala com mais facilidade?
K̀yikatêjê () Português ()
28. Que língua você usa mais frequentemente em casa para falar com as crianças?
K̀yikatêjê () Português ()
29. Que língua você usa mais frequentemente em casa para escrever?
K̀yikatêjê () Português ()
30. Que língua você usa no trabalho para falar com seus colegas?
K̀yikatêjê () Português ()
31. Que língua você fala com pessoas da mesma idade na aldeia?
K̀yikatêjê () Português ()
32. Que língua você usa durante uma festa tradicional na aldeia?

- Kyikatêjê () Português ()
33. Que língua você usa durante uma festa na aldeia?
Kyikatêjê () Português ()
34. Que língua você utiliza quando vai no culto feito na aldeia?
Kyikatêjê () Português ()
35. Em que língua você ora?
Kyikatêjê () Português ()
36. Que língua as crianças falam mais frequentemente?
Kyikatêjê () Português ()
37. Que língua os mais velhos falam mais frequentemente?
Kyikatêjê () Português ()
38. Qual é a língua mais bonita? Por quê?
Kyikatêjê () Português ()
-
-
-

39. Que língua você usa quando está bravo?
Kyikatêjê () Português ()
40. É melhor para uma pessoa falar que língua?
Kyikatêjê () Português ()
41. Que língua você usa quando está sonhando?
Kyikatêjê () Português ()
42. Que língua deve ser ensinada na escola indígena?
Kyikatêjê () Português ()
43. Que língua você prefere para ler?
Kyikatêjê () Português ()
44. Que língua você prefere para escrever?
Kyikatêjê () Português ()
45. Você acha que a língua indígena pode acabar? Por que sim ou Por que não?
-
-
-

IV USOS LINGUÍSTICOS NO ÂMBITO FAMILIAR

	Só LI	Só LP	LI e LP	Mais LI	Mais LP
Língua de interação entre marido e mulher					
Língua de interação entre mãe e filhos					
Língua de interação entre pai e filhos					
Língua de interação entre avô e netos					
Língua de interação entre avó e netos					
Língua utilizada durante as refeições					
Língua utilizada nas brincadeiras infantis					
Língua utilizada nas brincadeiras tradicionais					

Artigo recebido em: 31.05.2016

Artigo aprovado em: 20.09.2016